

CORRELAÇÕES ENTRE AS METODOLOGIAS FENOMENOLÓGICA E TRANSDISCIPLINAR

Thaíke Augusto Narciso Ribeiro

Tommy Akira Goto

Universidade Federal de Uberlândia

thaíke.29@gmail.com ; tommy@ufu.br

Resumo

A Fenomenologia Transcendental e a Transdisciplinaridade parecem partilhar de princípios antropológico-filosóficos muito semelhantes, principalmente a nível metodológico-epistemológico. Contudo, as suas relações teóricas constituem um campo praticamente inexplorado na literatura em geral. A fim de estabelecer algumas das primeiras bases investigativas e, ao mesmo tempo, acolher o viés prático tão imprescindível aos tempos atuais, o presente estudo tem por objetivo investigar as possíveis correlações epistemológico-metodológicas entre a Fenomenologia e a Transdisciplinaridade. Para tal, descreveremos ambos os métodos e seus pressupostos teóricos e, em seguida, teceremos as conexões existentes entre os mesmos. Ao final seremos capazes de vislumbrar os benefícios práticos e investigativos desse diálogo tanto para a corrente fenomenológica e para o movimento transdisciplinar quanto para todo o leque de outros saberes e métodos que se vinculam, direta ou indiretamente, ao vasto campo investigado.

Palavras-Chave: Metodologia. Fenomenologia. Transdisciplinaridade.

Abstract

Transcendental Phenomenology and Transdisciplinarity seen to share very similar anthropological-philosophical principles, mainly at methodological-epistemological levels. However, its theoretical relationships make up a virtually unexplored field in general scientific literature. Wanting to establish some of the first research basis and, at the same time, bring the practical bias so necessary to our times, this article has the goal to investigate the possible epistemological-methodological correlations between Phenomenology and Transdisciplinarity. In order to do so, we will describe both of the methods and its theoretical basis and, following, we'll weave the existing connections between them. At last we'll be able to foresee the practical research benefits of this dialogue to the phenomenological chain, to the Transdisciplinarity movement and to all the pallet of other knowledges and methods that are directly or indirectly connected to the researched field.

Keywords: Methodology. Phenomenology. Transdisciplinarity .

INTRODUÇÃO

A discussão metodológica é um lembrete que a ciência deve ser rigorosa e democraticamente compreensível e conjuntamente construída, evitando os escaninhos sombrios de uma racionalidade abstrata e individualista que ergue copas frondosas de conhecimento desprovidas de troncos e raízes firmes e claros. Escapando ao risco de bandeiras hasteadas em meio à selva do desconhecido sem trilhas ou caminhos definidos de como os exploradores chegaram até lá. Para Angela Ales Bello (2004), a necessidade de clarear o “caminho” para a compreensão do sentido das coisas é característico do pensamento ocidental, como está no coração da origem grega da palavra método: (método = “odos”, que significa estrada, e “meta”, que significa por meio de).

A história da ciência revela como a busca pela resolução deste problema - dos caminhos que levam ao desenvolvimento do conhecimento - nos levou ao rigoroso campo das pesquisas quantitativas com suas inegáveis conquistas, perpassou a revolução qualitativa e segue marchando, dando vida a métodos que se harmonizam com a complexidade e a transcendência características da natureza da realidade.

Dentre o vasto leque de métodos disponíveis, com sua infinidade de subcategorias, destacam-se entre eles a metodologia fenomenológica e a transdisciplinar, que no nosso entender partilham da reconstrução dos paradigmas epistemológicos humanos, buscando uma compreensão integrada do ser humano. E embora ambos os movimentos pareçam compartilhar de diversas semelhanças epistemológicas, suas conexões teóricas são praticamente inexploradas na literatura atual. A fim de iniciar essa exploração, a investigação das similaridades e diferenças em seus métodos oferece um estudo atualmente relevante sem perder de vista o aspecto prático imprescindível ao movimento científico.

A fim de materializar esse diálogo, propomos uma breve apresentação separada de cada movimento, com seus respectivos métodos, a fim de clarear seus conceitos; em seguida, uma composição de alguns diálogos possíveis entre eles e seus métodos; por fim, as considerações finais. Ao final será possível vislumbrar tanto os laços que conectam estes diferentes movimentos e seus “caminhos” quanto aquilo que lhes é mais característico e único.

MÉTODO

A presente pesquisa se apropria da abordagem qualitativa junto ao procedimento teórico-bibliográfico. Podemos dizer que é qualitativa ao se opor ao positivismo, com “sua postura e a prática de restringir o conhecimento da realidade social ao que pode ser observado e quantificado (Minayo, 2001, p. 24). Ademais, pelo enfoque num trabalho “com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, 2001, p. 21-22). Já o procedimento bibliográfico se harmoniza com o objetivo proposto, pois serve para “fundamentar teoricamente o objeto de estudo, contribuindo com elementos que subsidiam a análise futura dos dados obtidos” (Lima e Miotto, 2007, p. 44). Cabe destacar, entretanto, que uma pesquisa bibliográfica difere de uma revisão bibliográfica, na medida em que, para além da simples observação dos dados, também lhes imprime teoria e a compreensão crítica de seus significados (Lima e Miotto, 2007).

E, como uma das tônicas deste projeto é a da conexão entre campos, passamos a palavra final a Minayo (2001), tecelã de conexões entre a ciência e a arte, que expressa: “a pesquisa é um labor artesanal, que se não prescinde da criatividade, se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, proposições, métodos e técnicas”, criando “um processo de trabalho em espiral que começa com um problema ou uma pergunta e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações” (p. 26).

1. A Transdisciplinaridade

A Transdisciplinaridade (transD) perpassa todas as áreas humanas, mas o reconhecimento de seu conceito é mais “popular”, por assim dizer, nas questões educacionais. O que não é de se surpreender na medida em que as chamadas “disciplinas” são basicamente estas “caixinhas” que por muitos anos de nossas vidas separam e separaram diferentes abordagens do conhecimento nas escolas, universidades e outros espaços formativos e educacionais.

A respeito das chamadas “disciplinas”, sua história remete ao sistema antigo grego de educação superior, estruturado pelos sofistas, e que continha as chamadas “sete artes liberais” que perduraram até os arredores de 1300 (Almeida, 2015). Foram as primeiras disciplinas, por assim dizer. 650 anos depois, em 1950, o número catalogado pela *National Science Foundation* (NSF) saltou para 54 disciplinas; em 1975, 1845 disciplinas; em 2000, 8000 disciplinas, e, em 2014, 8200 disciplinas (Almeida, 2015).

E é nesse ponto que a transD encontra sua crítica, pois embora haja uma inegável explosão de especialidades científicas, tornando-nos mais especialistas do que nunca, nós nos revelamos continuamente incapazes de prevenir e/ou solucionar as crises que vivemos globalmente. Essa dolorosa constatação vai perfeitamente de encontro à explanação de Nicolescu (1999) de que a soma de especialistas e competências não gera senão uma incompetência generalizada. Assim, a transD nasce dessa urgente necessidade de organização destes saberes hiper-especializados a fim de ampliar nossa compreensão geral sobre o mundo presente.

Na busca pela construção dessa compreensão geral - que só poderia vir do compartilhamento de saberes -, surgiram alguns movimentos de conexão entre as disciplinas, como as conhecidas pluridisciplinaridade (pluriD) ou, ainda, a interdisciplinaridade (interD), com benefícios incalculáveis para o movimento científico. A pluriD (também conhecida como multidisciplinaridade) diz respeito ao estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo. A interD, por sua vez, diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra, com três possíveis graus de aplicação. No entanto, a transD, diz respeito “àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina” (Nicolescu, 1999, p. 8). Assim, indo mais a fundo que a pluriD e a InterD, seu objetivo transpassa a lógica disciplinar contida nas anteriores, visando à compreensão do mundo presente, como um todo, com a finalidade imperativa de alcançar a unidade do conhecimento.

Cabe destacar, entretanto, que o conhecimento transdisciplinar não apenas não nega a importância, o sentido e a utilidade das outras “disciplinaridades” como nutre-se de todas elas, reconhecendo suas especificidades, importâncias, utilidades e sentidos. Neste ínterim, o papel da transD é o de avisar que é possível e necessário ir mais além, religando as partes ao todo e unindo as diferenças culturais, sociais, religiosas, ou de qualquer outra área profissional ou do conhecimento (Moraes, 2015, p. 82). Para Nicolescu (1999), a disciplinaridade, a pluriD, a interD e a transD são “as quatro flechas de um único e mesmo arco: o do conhecimento” (Nicolescu, 1999, p. 13).

Essa ousada promessa de conexão e transcendência das disciplinas é sustentado por um firme tripé metodológico, foco deste estudo: os níveis de Realidade, a lógica do Terceiro Incluído e a Complexidade. Este tripé emerge “da mais avançada ciência contemporânea, especialmente da física quântica, da cosmologia quântica e da biologia molecular” (Nicolescu, 1997, p. 2). A fim de nos aprofundarmos em cada faceta deste triângulo metodológico, descreveremos uma a uma em sub-capítulos específicos.

1.1. A Metodologia Transdisciplinar: Os Níveis de Realidade.

Para Nicolescu (1999, p.9), níveis de Realidade são “sistemas invariantes sob a ação de um número de leis gerais”. Para tornar mais claro e ao mesmo tempo demonstrar a origem da ideia, o autor remete à revolução quântica que se deu através da descoberta das entidades quânticas que rompem com leis e conceitos fundamentais da física clássica (por exemplo, a causalidade: famosa lei de causa-efeito), operando através de outras leis. Assim, entre o nível do “universo macro” no qual vivemos e o nível do “universo micro”, das partículas

subatômicas que nos formam, há uma ruptura de leis fundamentais, dando origem a dois níveis de realidade completamente distintos e simultaneamente existentes.

A descoberta da existência de pelo menos dois níveis de realidade diferentes demonstra que a ideia tradicional da ciência de que todas as coisas operavam num mesmo nível de realidade não passa de um dogma - arbitrário como qualquer outro - e agora desconstruído pelo desdobramento da própria ciência que o sustentou: a física. Esta descoberta é “um acontecimento de capital importância na história do conhecimento. Ele pode nos levar a repensar nossa vida individual e social, a fazer uma nova leitura dos conhecimentos antigos, a explorar de outro modo o conhecimento de nós mesmos, aqui e agora” (Nicolescu, 1999).

Este pilar metodológico permite à transD construir-se sobre a compreensão de que o “espaço” entre e além das disciplinas, antes considerado vazio, está na verdade cheio de todas as potencialidades - assim como o vazio quântico (Nicolescu, 1999). É nesse sentido que a transD pode conectar e transcender as disciplinas, oferecendo uma compreensão sistêmica do mundo presente. Ela volta seu olhar para o “tecido multidimensional” no qual estão bordados todos os saberes e experiências existenciais, sejam eles científicos, filosóficos, artísticos, espirituais, relacionais, senso-comum, imaginários, míticos, etc. (Freitas et al., 1994).

1.2. A Metodologia Transdisciplinar: A lógica do Terceiro Incluído.

A lógica é a ciência que tem por objeto de estudo as normas ou regras da verdade/validade. Tendo em conta que as normas geram ordem, uma certa lógica está por trás de cada ação humana, seja ela individual, coletiva, nacional, ou estatal. Durante dois mil anos temos acreditado que há apenas uma lógica, imutável, inerente ao cérebro humano, que se baseia em três axiomas: 1. O axioma da identidade: A é A; 2. O axioma da não-contradição: A não é não-A; 3. O axioma do terceiro excluído: não existe um terceiro termo T que seja ao mesmo tempo A e não-A (Nicolescu, 1999). Com o advento da mecânica quântica, descobriu-se que uma entidade subatômica chamada *Quantum* comportava-se ao mesmo tempo como onda e como partícula (ou corpúsculo), o que dentro dessa lógica clássica era considerado impossível.

É aqui que Nicolescu (1999) retoma o mérito histórico do filósofo Stéphane Lupasco, que propôs a lógica do terceiro incluído como uma verdadeira lógica, formalizável e formalizada, multivalente (com três valores: A, não-A e T) e não-contraditória. A compreensão do axioma do terceiro incluído — existe um terceiro termo T que é ao mesmo tempo A e não-A — fica totalmente clara quando é introduzida a noção de níveis de Realidade:

“Para se chegar a uma imagem clara do sentido do terceiro incluído, representemos os três termos da nova lógica — A, não-A e T — e seus dinamismos associados por um triângulo onde um dos ângulos situa-se a um nível de Realidade e os dois outros a um outro nível de Realidade. Se permanecermos num único nível de realidade, toda manifestação aparece como uma luta entre dois elementos contraditórios (por exemplo: onda A e corpúsculo não-A). O terceiro dinamismo, o do estado T, exerce-se num outro nível de Realidade, onde aquilo que parece desunido (onda ou corpúsculo) está de fato unido (quantum), e aquilo que parece contraditório é percebido como não-contraditório” (Nicolescu, 1999, p.14).

Neste panorama, a transD compreende que a lógica do terceiro incluído não elimina a lógica do terceiro excluído, mas apenas limita sua área de validade. A exemplo do próprio Nicolescu (1999), ninguém pensaria em introduzir numa estrada um terceiro sentido em relação ao sentido permitido e ao proibido. Nesse nível concreto e específico da realidade do trânsito, é o ideal. Essa mesma lógica, entretanto, é altamente nociva e perigosa em casos mais complexos, como o campo social ou político. “Ela age, nestes casos, como uma verdadeira lógica de exclusão: bem ou mal, direita ou esquerda, mulheres ou homens, ricos ou pobres, brancos ou negros” (Nicolescu, 1999, p.14).

1.3. A Metodologia Transdisciplinar: A Complexidade

“Simultaneamente ao aparecimento dos diferentes níveis de Realidade e das novas lógicas (entre elas a do terceiro incluído) no estudo dos sistemas naturais, um terceiro fator veio se juntar para desferir o golpe de misericórdia na visão clássica do mundo: a complexidade” (Nicolescu, 1999, p.16).

Edgar Morin, pesquisador de maior renome na área da complexidade, resgata a etimologia de “complexus” como “o que é tecido junto” (Morin, 2001, p. 33). Assim, a complexidade diz respeito a um conjunto de coisas ligadas umas às outras, interdependentes e partícipes num todo que se constitui uma unidade complexa. Este todo, entretanto, é mais do que a soma de suas partes. Simultaneamente, as especificidades de cada parte influem umas sobre as outras e sobre o todo e vice-versa (Prada e Marcílio, 2009). Como se pode ver, a própria definição de complexidade se faz complexa.

A título de exemplo simplificador, basta um olhar cuidadoso sobre a música (Prada e Marcílio, 2009). Constituída no mínimo de ritmo, melodia e harmonia, qualquer um pode notar que uma canção é muito mais do que a soma de suas notas e pausas. Variações em qualquer dos três campos mencionados interferem sobre o todo da experiência musical, assim como na organização de suas notas. Modificações no todo necessariamente interferem nas partes que a constituem. Como não bastasse, a música sofre intensas e profundas mudanças de acordo com a interpretação do(s) músico(s), afinação do(s) instrumento(s), acústica, sensibilidade musical do ouvinte, entre outros incontáveis fatores entrelaçados uns aos outros.

Neste panorama, os níveis de realidade iluminam a lógica do terceiro Incluído que, por sua vez, se faz talvez a lógica privilegiada da complexidade (Nicolescu, 1999). Assim este tripé metodológico desvela a harmônica conexão entre seus três componentes, propondo um caminho ou método capaz de ordenar de maneira coerente os diferentes campos do conhecimento, articular as polaridades e os elementos contraditórios, concorrentes e antagônicos do magnífico tecido fractal e infinito da realidade (Nicolescu, 1999; Sommerman, 2003).

2. A Fenomenologia Transcendental.

As razões que orientam a transD são muito semelhantes às da Fenomenologia e viceversa. A Fenomenologia Transcendental de Edmund Husserl (1859-1938) também propõe uma fundamentação paradigmática distinta, nascendo dos vazios, incongruências e da crise da orientação epistemológica positivista que “reduz a pesquisa a uma abordagem meramente objetivista, tecnicista e quantitativa, que não consegue apreender a complexidade e especificidade do objeto pesquisado, sobretudo se esse objeto for do campo das ciências humanas” (Peixoto, 2011, p.145). Para Peixoto (2011), essa ruptura epistemológica é um entre quatro fatores que tem atraído os

pesquisadores à fenomenologia nos dias atuais. O segundo e o terceiro são a percepção de que toda realidade, por ser complexa, precisa ser analisada de modo a apreender sua multiplicidade de mediações e abordagens. O quarto é a conscientização da necessidade de retornarmos a uma razão crítica e humanizadora que é possibilitada pelo retorno às coisas mesmas.

Essas “coisas mesmas” são os chamados fenômenos – objetos de estudo da Fenomenologia –, que abrangem todas as coisas perceptíveis, tangíveis, naturais, ideais e culturais em interação com a consciência (Peixoto, 2011). Em outras palavras, tudo que podemos “tocar com a consciência”. Para Husserl, há cinco categorias que possibilitam este “retorno às coisas mesmas” e compõem, portanto, a metodologia fenomenológica: a Intencionalidade, a Epoché, a Atitude Fenomenológica, a Redução Eidética e o *Lebenswelt* (Peixoto, 2011).

A Intencionalidade é o ato de dirigir-se a outra coisa que não seja a própria consciência, estabelecendo relações dialéticas integradoras entre as dicotomias de sujeito-objeto, homem-mundo, pensamento-ser, subjetividade-objetividade, corpo-espírito e demonstrando que todo fenômeno mental visa a algum objeto. Assim, não há sentidos isolados de objetos, mas sim sentidos que nascem da intersecção entre a consciência e o mundo (Peixoto, 2011). A esta ruptura com essas dicotomias, que ao mesmo tempo acolhe suas especificidades e tece conexões intrínsecas, nomeia-se atitude fenomenológica

Essa atitude só pode ser alcançada pela *Epoché*, originada do grego e significa suspensão, colocação “entre parêntesis”. Trata-se, em síntese, de uma postura de busca pela verdade que suspende provisoriamente os nossos conceitos, conhecimentos e julgamentos pré estabelecidos a fim de apreendermos o fenômeno original, tal como ele se apresenta. Em outras palavras, é uma atitude de afirmação da vida como ela é, e não como as teorias, pressupostos ou hipóteses dizem que é (Pasqualucci, 2014 e Peixoto, 2011). Tal suspensão rigorosa e radical rompe com os sistemas já constituídos, numa permanente abertura ao novo, ao original, ao imprevisto.

Pela *Epoché* é possível chegar a *Redução Eidética*, ou seja, visa um voltar-se para o próprio fenômeno, sua essência, e não para suas interpretações, impedindo o enclausuramento da consciência no “mundo do pensamento” e mantendo sua abertura para o mundo (Peixoto, 2011). Assim, destaca-se a necessidade de conhecer o fenômeno antes de transformá-lo em conceito (Pasqualucci, 2014). Por fim, a *Lebenswelt*, ou seja, o mundo da vida, o mundo cotidiano, pré-científico, das evidências cotidianas, que fundamenta todas as ciências e tece um fio condutor entre elas. É o mundo das “experiências subjetivas imediatas, dotado em si mesmo de sentido e finalidades”, pré-existente às explicações conceituais (Zilles, 2002, p. 52 apud Peixoto, 2011). O afastamento desse mundo da vida, através do domínio objetivista, quantitativo, técnico e formal dá margens a um cientificismo abstrato, isto é, um conjunto de conceitos que não representam a realidade atual.

2.1. O método Fenomenológico: as reduções.

A renomada pesquisadora na área, Angela Ales Bello (2004), explana que o método fenomenológico pode ser sintetizado em duas etapas: A Redução Eidética e a Redução Transcendental.

A Redução Eidética, já apresentada acima como uma busca pela essência dos fenômenos - evitando suas interpretações -, pode também ser compreendida como a procura pelos sentidos (Ales Bello, 2004). Surge a pergunta: como podemos realizar uma busca por sentidos sem o enfoque na interpretação? Que instrumento pode se sobrepor a essa racionalidade? Para a autora (2004) trata-se da tão

negligenciada, subvalorizada e cientificamente marginalizada intuição. A intuição é, portanto, o primeiro passo para a revelação do sentido, isto é, para a captação da essência. Assim, deve-se deixar de lado tudo que não é essência, pois para a Fenomenologia não interessa o fato de existir, mas o sentido desse fato (Husserl, apud Ales Bello, 2004). Em complementação, Goto (2013) destaca relações intrínsecas entre a intuição e a percepção no método fenomenológico, pois a Epoché permite um tipo de liberdade para que a percepção encontre as coisas mesmas. Assim, “o que é dado (das Gegebene) se dá ‘em pessoa’, ou seja, ele mesmo (es Selbst) em ‘carne e osso e em suas várias maneiras de aparição’” (p.39).

A segunda etapa é a Redução Transcendental, ou a busca pelo análise do sujeito que busca o sentido. Afinal, quem é este que pergunta sobre os sentidos e essências? Quem é este que busca, quer, aprende, questiona? Não é esta uma das perguntas mais fundamentais e originárias da história do pensamento? Não é esta a questão quase esquecida no processo do positivismo de cindir sujeito de objeto, supondo ser possível conhecer o visto sem dar tanta consideração ao olho que vê? Segundo Ales Bello (2004), a retomada do ser humano no próprio método da Fenomenologia é a grande novidade de seu criador, Edmund Husserl.

Em meio a este jornada investigativa humana emergem a percepção e a consciência como palavras-chave de tamanha relevância que fazem parte da própria descrição do objeto de estudo da Fenomenologia. Ora, a percepção caracteriza as portas de entrada do *Lebenswelt* no mundo interior do sujeito, enquanto a consciência caracteriza o registro disto que entra, um “dar-se conta” (Ales Bello, 2004). Para a Fenomenologia não há como conceber um fenômeno apartado da consciência que o registra. Se continuarmos nos aprofundando nessa conceituação de consciência, chegamos à ideia dos diferentes atos humanos, pois a consciência é um tipo de espaço de registro, isto é, um setting de registro destes atos que são ligados ao mundo externo e ao mundo interno (Ales Bello, 2004).

A respeito dos atos, Ales Bello (2004) cita os atos perceptivos, atos reflexivos, atos impulsivos e atos de controle, cada qual revelando uma esfera ou dimensão interconectada do sujeito humano, tais como a dimensão corpórea (percepção), psíquica (impulso) e espiritual (controle). Para a autora, ser humano é ser capaz de registrar seus atos na consciência enquanto os realiza: “Consciência significa que, enquanto nós olhamos, nos damos conta de que estamos vendo, ou que, enquanto tocamos, nos damos conta de tocar. Depois, podemos fazer uma reflexão sobre essa consciência, como a que estamos fazendo agora” (Ales Bello, 2004, p. 33). Essa reflexão dos atos, consciência e dimensões humanas segue vasta e profícua na Fenomenologia, reinserindo o humano nas fimbrias do próprio método da Fenomenologia, e não apenas como discussão paralela. Essa busca pelo sujeito que busca o sentido caracteriza a Redução Transcendental.

3. Conexões Teóricas Gerais

Na descrição paralela destes caminhos, começa a tornar-se evidente a intensa conexão partilhada entre a Fenomenologia e a transD. Inclusive, faz-se curioso observar que a Fenomenologia é um tipo de “mãe” para a interD (Fazenda, 2006, apud Pasqualucci, 2014), que, por sua vez, é uma das mães da transD. Nessa inicial comparação, a Fenomenologia é um tipo de avó para a transD. A este respeito, o próprio Nicolescu admite a conexão quando reconhece a multiplicidade de enfoques da Fenomenologia e o esforço de Husserl em questionar os fundamentos da ciência, descobrindo “a existência dos diferentes níveis de percepção da Realidade pelo sujeito observador” (Nicolescu, 2001, p. 10 apud Ribeiro, 2015, p. 205). Aqui cabe destacar como o próprio Nicolescu remete a Husserl e a Fenomenologia como uma das

bases da noção dos níveis de realidade: “Husserl e alguns outros pesquisadores (...) foram pioneiros na exploração de uma Realidade multidimensional e multireferencial, onde o ser humano pode reencontrar seu lugar e sua verticalidade” (Nicolescu, 1999, p.10).

Afora as conexões já expressas entre os temas pelo próprio Nicolescu, podemos arriscar outras correlações plausíveis. É lícito iniciar destacando as raízes críticas de ambas as abordagens, ao criticar o cientificismo abstrato limitado a um único nível de realidade (Nicolescu, 1999). Outro ponto de contato se dá no “colocar em parêntesis”, característico da *Epoché*, que remete ao princípio transdisciplinar de abertura sem preconceitos e aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível (Freitas et al., 1994).

Outrossim, temos a questão da busca pela integração que ocorre intensamente tanto na Fenomenologia quanto na transD. A primeira nomeia abertamente sua dupla missão de 1) integrar a filosofia com as demais ciências, e 2) através do pilar da atitude fenomenológica, visa-se recuperar a unidade originária, anterior as dicotomias, como as de corpo-espírito e sujeito-objeto. Segundo Peixoto (2011), a fenomenologia “recusa essas perspectivas que fragmentam a realidade e a reduzem a um dos seus aspectos. Para a fenomenologia, não é nos pólos, mas no entre, na mediação, que devemos buscar a sentido das coisas” (p. 156). Em suma, a Fenomenologia promoveu a busca da “origem boa”, a recuperação do sentido anterior à dicotomia entre a prática científica e a teoria reflexiva da filosofia (Peixoto, 2011), revelando-se enquanto área legítima no “entre”, na mediação das mesmas.

A transD, possuindo a mesma motivação, destaca quatro grandes contribuições no tema da integração: 1) ela é constituída de pelo menos dois graus de integralização disciplinar (pluriD e interD), inaugurando um terceiro; 2) a transD dá continuidade ao processo de integração entre as quatro grandes áreas do saber e expressão humanas (ciência, filosofia, arte e espiritualidade) ao reconciliar a ciência também com a arte e com a espiritualidade através da experiência interior e da abertura às religiões e mitologias (Freitas et al., 1994). Assim, se a Fenomenologia estabeleceu uma reta firme entre os pontos da ciência e da filosofia, a transD parece declarar a missão de “fechar o quadrado”; 3) a transD se dedica em construir uma compreensão compartilhada entre e através das diversas disciplinas; 4) por fim, ela busca reintegrar a cisão absurda da riqueza dos saberes acumulados exteriormente em face da pobreza interior (Freitas et al., 1994).

Outro ponto de destaque diz respeito ao conceito de intencionalidade da Fenomenologia, que trata de voltar-se para algo além da própria consciência psicológica, ou seja, é basicamente um voltar-se para todo tipo de correlação do sujeito com o fenômeno existente. Considerando-se que a ciência se organizou num vasto cabedal de disciplinas hiper-especializadas em seus objetos, menosprezando a correlação com o sujeito. Assim, é válido considerarmos que a intencionalidade está em harmonia com o “objeto” transdisciplinar, isto é, o que está nas disciplinas, entre elas, através delas e além delas (Nicolescu, 1999). Essa definição é praticamente outra forma de dizer de tudo aquilo ao qual a consciência se volta.

A Redução Eidética, enquanto uma fuga às interpretações limitantes, toca à missão transdisciplinar de compreender o mundo presente, buscando a unidade do conhecimento que transcende as focalizações subjetivas e interpretações disciplinares unidimensionais. Ora, nenhuma disciplina sozinha jamais poderá abranger a totalidade de um fenômeno: “Até agora somente as ciências físicas responderam o que é a natureza. No entanto, basta a ciência física para resolver essa questão? Bastam as ciências humanas para dizer o que é o ser humano? Não

bastam. Elas descrevem alguns aspectos do ser humano, assim como as ciências da natureza descrevem alguns outros” (Ales Bello, XXXX, p.25).

Por fim, o conceito de *Lebenswelt*, ou mundo da vida, pode ser compreendido na analogia do território e seus mapas. Se considerarmos por exemplo o território brasileiro, encontraremos uma infinidade de figuras que demonstram sua hidrografia, relevo, áreas de concentração populacional, distribuição de renda, etc. É patente que por mais completo e esclarecedor que seja um dossiê de “mapas” do Brasil, esse documento jamais poderá representar a realidade do território real onde pisamos, respiramos e existimos nesse momento. Essa rica analogia expressa uma relação epistemológica fundamental entre os movimentos fenomenológico e transdisciplinar, na medida em que ambos buscam transcender os mapas-conceitos criados sobre o mundo a fim de compreender seu território real. A busca pelo *Lebenswelt*, nesse olhar, passa pela aceitação da multidimensionalidade (níveis de realidade) e complexidade inerentes à realidade, numa permanente abertura às suas contradições e paradoxos irredutíveis (lógica do terceiro Incluído).

4. Relações entre Métodos

A Atitude Fenomenológica é uma mudança de atitude que visa sair de uma série de dualidades que caracterizam a ciência clássica: sujeito-objeto, observador-observado, etc.; e permitir que algo se mostre como tal, em sua totalidade de sentido. Fica evidente, portanto, como este conceito se articula com a ideia conciliadora da lógica do terceiro Incluído, tal como reafirma Nicolescu (1999, p.14), “um bastão sempre tem duas extremidades”.

Outro ponto relevante de conexão entre os métodos aparece na descrição da Redução Eidética por Ales Bello (2004), que cita a valorização da “intuição” do sentido enquanto primeiro passo para captá-lo. Também a transD tem como um de seus conceitos fundantes a re-valorização da intuição para a educação. Mas o que faz a intuição tão fundamental considerando que tanto a transD quanto a Fenomenologia assumem uma realidade complexa? Como poderia algo tão simples quanto intuir abranger a complexidade do mundo da vida? Aqui se figura uma bela correlação entre as metodologias estudadas, pois onde o infinitamente simples e o infinitamente complexo se encontram só poderíamos estar num nível de realidade que acolhe seu terceiro Incluído conciliador. A intuição pode ser, nesse sentido, uma ferramenta de percepção desse terceiro, uma “simplicidade”, por assim dizer. Para Nicolescu (1997), a retomada do sujeito humano (como na Redução Transcendental) é em si mesma uma integração dos polos simplicidade-complexidade:

“Uma coerência atordoante reina na relação entre o infinitamente pequeno e o infinitamente grande. Um único termo está ausente nesta coerência: a abertura do finito - o nosso. O indivíduo permanece estranhamente calado diante da compreensão da complexidade. E com razão, pois fora declarado morto. Entre as duas extremidades do bastão — simplicidade e complexidade —, falta o terceiro incluído: o próprio indivíduo” (Nicolescu, 1997, p.19).

Aprofundamo-nos na Redução Transcendental, que Ales Bello (2004) apresenta como essa “novidade” trazida pela Fenomenologia de focar o sujeito, fazendo-o um ponto de partida da investigação. Ela desvela como esse enfoque tece uma rede de diferentes tipos de atos e suas relações com a consciência enquanto um “espaço” de registro dos mesmos. A este respeito, a discussão da consciência, enquanto registradora de atos, perpassa a análise das diferentes dimensões de atos que podem corresponder às especificidades das disciplinas. Para

Ales Bello (2004), as dimensões física, psíquica e espiritual estão conectadas através dos diferentes atos sendo que o humano representa a estrutura geral, universal, pois cada indivíduo possui todas essas características. No sentido desse raciocínio, a missão transdisciplinar mimetiza essa ideia de consciência registradora ao registrar e buscar compreender a unicidade do ser (trans) através do caleidoscópio de seus atos (disciplinas). Já a questão do enfoque no sujeito leva a Fenomenologia a agregar infinita complexidade ao seu estudo, navegando pela multidimensionalidade dos atos, cabíveis a diferentes níveis de realidade. Assim que, necessariamente, a Fenomenologia acaba por trabalhar com a lógica da inclusão de seus terceiros a fim de não fragmentar a experiência humana: “(...) portanto não existe somente interioridade e exterioridade, mas interioridade, exterioridade e esse terceiro momento que é o registro dos atos, aquilo que nos possibilita ter consciência” (Ales Bello, 2004, p.38).

Considerações Finais

Fica evidente, através deste trabalho, que a Fenomenologia e a TransD partilham de conexões estruturais gerais ricas, amplas e profundas. Tais relações gerais perpassam sua história, com certa “consanguinidade teórica”; a crítica à ciência positivista, com seu subjetivismo abstrato; a valorização da realidade por si mesma e uma conseqüente abertura sem preconceitos diante dela; a busca pela integração de diferentes áreas do conhecimento; a amplitude de seus “objetos”, abarcando a totalidade do que pode ser conhecido; a vastidão de seu olhar, buscando o todo sem o detrimento das partes ou depreciação das especialidades; e a valorização da intuição.

As relações dos seus métodos, que constituem o objetivo deste trabalho, delineiam traços nos seguintes pontos: acolhimento da visão complexa; acolhimento da lógica do terceiro Incluído, proposta por Lupasco; integração de uma visão multidimensionalidade do real e do humano; a retomada do sujeito humano enquanto totalidade; a busca pela compreensão do sentido geral por trás das infinitas especialidades. Desta maneira, se a metodologia se refere a um caminho faz-se justo considerarmos que, embora haja algumas divergências - como as conceituais -, os caminhos da Fenomenologia e da TransD estão profundamente entrelaçados. Talvez ao ponto de muitos pesquisadores trilharem uma mesma via completamente inadvertidos de que ela diz respeito tanto à Fenomenologia quanto à TransD.

Neste panorama, faz-se *mister* a confecção de uma série de outros trabalhos que venham a explorar aquilo que delimita um e outro caminho, uma a e outra abordagem, resgatando e fortalecendo suas identidades através de suas diferenças. Pasqualucci (2014), a título de exemplo, buscando delinear algumas diferenças e complementaridades fundamentais entre a fenomenologia e a interdisciplinaridade, declara com impressionante acurácia:

Ambas responsabilizam o homem pela produção de significados, mas, diferentemente da fenomenologia, que se realiza enquanto concepção, a interdisciplinaridade acontece na ação. Enquanto a fenomenologia respalda o pensamento acadêmico na importância de considerar experiência e percepção como fundantes da racionalidade, a interdisciplinaridade acontece na e pela experiência, no estado de inter-relação e interação do homem com o coletivo e com os demais fenômenos (p. 3).

Essa percepção lúcida, entretanto, se aplica às conexões entre a Fenomenologia e a interD, restando-nos apenas possibilidades de investigar as alterações que ocorrem ao falarmos das relação com a transD. Por fim, embora a TransD seja mais nova e menos experiente que sua “avó”, ela oferece uma organização metodológica e conceitual que enriquece o manancial teórico da Fenomenologia, ao mesmo tempo em que oferta outros subsídios didáticos para o esclarecimento de seus conceitos complexos. Ao mesmo tempo, a Fenomenologia oferece proficuas raízes no solo do conhecimento validado e validável academicamente, dando estabilidade, rigor e embasamento filosófico para os vôos transdisciplinares.

REFERÊNCIAS

- ALES BELLO, Angela. **Introdução à Fenomenologia**. Bauru, SP: Eduse, 2004. 108 p
- ALMEIDA, L. N. **A Formação de Professores de Línguas para o Avaliar à Luz da Complexidade e da Transdisciplinaridade**. 2015. Dissertação (Mestrado) - ILEEL, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.
- FREITAS, L. de., MORIN, E., NICOLESCU, B. **Carta da Transdisciplinaridade**. In: CONVENTO DA ARRÁBIDA, 1994, Portugal.
- GOTO, Tommy Akira. **Fenomenologia, Mundo-da-Vida e Crise das Ciências: A Necessidade de uma Geografia Fenomenológica**. *Geograficidade*, v.3, n.2, 2013.
- MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, ed 18, 2001.
- MORIN, Edgar. Por uma reforma do pensamento. In: NASCIMENTO, E. P. do; PENA-VEJA, A. **O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 3ª ed, 2001.
- NICOLESCU, B. **A Evolução Transdisciplinar da Universidade: Condição para o Desenvolvimento Sustentável**. In: INTERNATIONAL ASSOCIATION OF UNIVERSITIES, 1997, Chulalongkorn University, Bangkok, Thailand.
- NICOLESCU, B. **Um Novo Tipo de Conhecimento: Transdisciplinaridade**. São Paulo: CETRANS e Escola do Futuro - USP, 1999.
- PASQUALUCCI, L. Interdisciplinaridade e Fenomenologia no Espaço Museológico. In: ENDIPE, XVII, 2014, Ceará: **A didática e as prática de ensino nas relações entre escola, formação de professores e sociedade**. Ceará: 2014.
- PEIXOTO, A. J. **Fenomenologia: Diálogos Possíveis**. Campinas: Editora Alínea. Goiânia: Editora da PUC de Goiás, 2011.
- RIBEIRO, O. C. **Criatividade na Pesquisa Acadêmica: Método-Caminho na Perspectiva de uma Fenomenologia Complexa Transdisciplinar**. *Terceiro Incluído*, v.5, n.1, pp.189-215, 2015.
- SOMMERMAN, A. **Complexidade e Transdisciplinaridade**. Dissertação (Mestrado) - Centro de Educação Transdisciplinar, PUC Paraná, Curitiba, 2005.